

A redemocratização brasileira sob a ótica da revista Chiclete com Banana (1985-1988)

Carlos André Krakhecke

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)

Mestrando (bolsista CAPES)

Prof. Orientador: Dr. Luciano Aronne Abreu

Resumo: A redemocratização brasileira foi um período de intensa manifestação cultural. Os rumos políticos e as expectativas geradas pelo fim da ditadura militar são refletidos em diversas áreas como cinema, música, televisão e histórias em quadrinhos, como Chiclete com Banana. Esta pesquisa busca estabelecer um suporte teórico metodológico para a utilização de histórias em quadrinhos como fonte para a História e aplicar o modelo criado para melhor entender o período da redemocratização através de um estudo de caso da revista Chiclete com Banana.

Palavras chaves: Histórias em Quadrinhos, Redemocratização, Chiclete com Banana.

As histórias em quadrinhos, ou HQs, é um tipo de cultural que se manteve em segundo plano de importância para as ciências sociais em geral. Apesar de ser mais antiga que a televisão, é tratada como uma mídia menor, seja por ter uma abordagem considerada por muitos uma temática infanto-juvenil, seja pelo alcance pequeno que os principais títulos de HQ possuem frente aos grandes veículos de comunicação como televisão, cinema, etc. Mas, atualmente, os quadrinhos passam por um processo de descobrimento no meio acadêmico. Pesquisas nas áreas de comunicação já vêm utilizando as HQs como objeto a algum tempo, mas, dentro de procedimentos teóricos e práticos que não podem ser simplesmente transpostos para a pesquisa histórica.

As HQs se enquadram dentro da Indústria Cultural através dos Meios de Comunicação de Massa (MCMs). Os MCMs têm como uma de suas características próprias a reprodução técnica que, no caso das HQs, chega ao ponto de um quadrinho ter milhões de cópias sem possuir um original, pois sua montagem é feita diretamente nas copiadoras. Outra característica importante é a adequação do conteúdo ao gosto do público, o que faz com que produtores culturais tenham de se submeter às leis de mercado¹. A efemeridade também deve ser citada, como exemplo dos *hits* musicais que vendem milhões de discos e após um curto período é esquecido e no caso das HQs, a infinidade de títulos publicados e nunca mais republicados.

A Escola de Frankfurt é a pioneira nos estudos sobre a Indústria Cultural. Nesse sentido, para os teóricos frankfurtianos, grande parte da produção cultural se transformou em mercadoria e assim, tornando-a apenas distração, uma fuga temporária. Esta condição faz com que os elementos culturais reproduzam e reforcem as estruturas sociais.²

O debate sobre a Indústria Cultural é comumente dividido em dois grupos antagônicos: os críticos e os defensores. Umberto Eco em *Apocalípticos e Integrados*³ entra na discussão para propor uma alternativa ao debate antagônico. Partindo do pressuposto que a Indústria Cultural está sim vinculada às leis de mercado, ao interesse do lucro entre outras idéias defendidas, segundo o autor, pelos *apocalípticos*, mas que, como os *integrados* defendem, existem meios possíveis de o produto resultante dessa Indústria Cultural não ser necessariamente algo alienável, efêmero, sem profundidade, etc. O autor propõe diferentes abordagens de pesquisas, incluindo quadrinhos, como algo possível de possuir elementos de crítica social, utopia, sátira moralista, etc.

As HQs não estão necessariamente condicionadas às regras da Indústria Cultural. Wellington Srbeck mostra que algumas HQs propõem ao leitor uma experiência

¹ Uma interpretação mais radical sugere que o gosto do público é moldado em função da Indústria Cultural.

² BOTTOMORE, Tom. *Dicionário do pensamento marxista*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

³ ECO, Umberto. *Apocalípticos e integrados*. São Paulo: Perspectiva, 2006.

única⁴. Esta experiência única faz com que algumas HQs deixem de ser apenas mercadoria da Indústria Cultural e passem a ser uma manifestação artística de relevância, pois sua interação com o leitor vai além da mera distração. Este é o caso de quadrinhos como *Pererê*, de Ziraldo, *Asterix*, de Albert Uderzo e René Goscinny, *Contrato com Deus*, de Will Eisner e também de *Chiclete com Banana*.

Este artigo propõe estabelecer um procedimento teórico-metodológico para o uso dos quadrinhos como fonte para a pesquisa histórica e testar este procedimento aplicando-o, utilizando um exemplo de caso, para a solução da seguinte questão: como a revista *Chiclete com Banana* interpreta a conjuntura sócio-política brasileira no período da redemocratização?

O primeiro passo na pesquisa com HQs é buscar uma definição conceitual precisa do que é uma História em Quadrinho. É usual em algumas pesquisas com HQs, definições conceituais amplas que acabam misturando HQs, desenhos animados e charges como um fenômeno único, caindo muitas vezes no entendimento do senso-comum. As HQs diferem completamente do modelo de criação, reprodução, divulgação e entendimento da animação por exemplo.

Will Eisner, autor de quadrinhos como *Spirit* e *Contrato com Deus*, é uma das principais referências teóricas para os pesquisadores dos quadrinhos. Eisner denomina as HQs como integrante da **arte seqüencial**, mas, junto com as HQs, a arte seqüencial englobaria o cinema e a animação⁵. Ele afirma:

“A configuração geral da revista em quadrinhos apresenta uma sobreposição de palavra e imagem, e, assim, é preciso que o leitor exerça as suas habilidades interpretativas visuais e verbais. As regências da arte (por exemplo, perspectiva, simetria, pincelada) e as regências da literatura (por exemplo, gramática, enredo, sintaxe)

⁴ SRBEK, Wellington. *Quadrinhos & outros bichos*. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2006.

⁵ Cabe aqui salientar que Eisner já excluía a charge como parte da arte seqüencial.

superpõem-se mutuamente. A leitura é um ato de percepção estética e esforço intelectual.”⁶

Ao afirmar que a leitura é um ato de percepção estética e esforço intelectual, Eisner já dá indícios de que os quadrinhos possuem signos próprios e são um bem cultural à parte, mas o autor acaba se prendendo mais nos pontos em comum que as HQs possuem com outras formas de arte seqüencial do que nos elementos próprios e particulares que caracterizariam os quadrinhos como uma categoria à parte⁷.

Aprofundando a análise das HQs, a partir dos estudos de Eisner, Scott McCloud busca criar um conceito que enquadre os quadrinhos e exclua as outras artes seqüenciais de sua abordagem. McCloud define a história em quadrinhos como “imagens pictóricas e outras justapostas em seqüência deliberada destinadas a transmitir informações e/ou a produzir uma resposta no espectador”⁸. Este conceito consegue assim abordar especificamente os quadrinhos, e, a partir dele, é possível fazer uma análise histórica a partir das HQs.

Mas, mesmo tendo clareza do que entendemos por HQ, é extremamente importante salientar que o universo dos quadrinhos possuem uma série de gêneros, estilos, formas, etc. que podem ter relação entre si ou não. Portanto, no momento que buscamos utilizar alguma HQ para pesquisa, a primeira etapa a ser cumprida é situar onde esta se situa neste complexo universo.

Durante o período da redemocratização, os quadrinhos estrangeiro, principalmente os norte-americanos, ainda obtinham hegemonia entre a preferência dos leitores com os gêneros de super-heróis (com títulos como *Batman*, *Homem Aranha*, *Super Homem*), terror (com publicações que mesclavam quadrinhos estrangeiros com

⁶ EISNER, Will. *Quadrinhos e arte seqüencial*. São Paulo: Martins Fontes, 2003. P. 8.

⁷ É importante esclarecer que o objetivo de Eisner em *Quadrinhos e arte seqüencial* é dar subsídio teórico para a formação de profissionais do ramo dos quadrinhos, a elaboração conceitual, apesar de importante, tem caráter quase introdutório em uma obra que visa mais estudar técnicas para a criação de HQs (como narrativa, enquadramento, enredo, etc.).

⁸ McCLOUD, Scott. *Desvendando os quadrinhos*. São Paulo: M. Books do Brasil Editora LTDA., 2005.

autores brasileiros como *Kripta*, *Contos de Terror*, *Spektro*)⁹ e obviamente os quadrinhos Disney (*Donnald*, *Mickey*). Já a produção nacional de HQs foi marcada pela expansão dos quadrinhos independentes¹⁰ que de um modo geral tentam copiar, principalmente na temática, o modelo dos quadrinhos *underground* norte-americanas que surgiram como uma forma de resposta à censura imposta aos quadrinhos durante o Machartismo na década de 1950 com a criação do Comic Code Authority, um código com determinações de conteúdos que não deveriam constar nas HQs¹¹.

É durante a década de 1960 que surge o principal autor do gênero, Robert Crumb, com a revista *Zap Comix*. O trabalho de Crumb influenciou toda uma geração de artistas e diversificou o sistema de distribuição publicando seus trabalhos por pequenas editoras e os vendendo através de lojas especializadas. Crumb foi um marco da contracultura nos quadrinhos e seus trabalhos abordavam temas como sexo, política, drogas e música (com quadrinhos sobre artistas do blues e do jazz) e este modelo de edição será transportado para a revista *Chiclete com Banana*.

A redemocratização possibilitou o surgimento de quadrinhos *underground* no Brasil. A revista *Chiclete com Banana* de Angeli é o principal título da época, mas não o único. A revista é recheada de personagens estereotipados que buscam retratar, ironizar a conjuntura social, política e até mesmo sexual do Brasil.

Também é importante para o pesquisador dos quadrinhos compreender como funciona o processo de elaboração que envolve roteiro, arte, arte finalização e letramento. Estas quatro etapas não precisam necessariamente ser elaboradas por uma única pessoa e é comum encontrar nos créditos das HQs nomes diferentes para cada

⁹ Quem possui interesse em quadrinhos de terror a página Nostalgia do Terror (www.nostalgiaodoterror.com.br) disponibiliza uma coleção de variadas capas de diferentes publicações de quadrinhos do gênero.

¹⁰ Com exceção dos personagens de Maurício de Souza (*Turma da Mônica*) que obtiveram abrangência nacional no gênero dos quadrinhos infantis.

¹¹ Aquelas que não estivessem de acordo não obtinham o selo de autorização e não poderia assim, ser vendidas por jornaleiros, o único meio de distribuição existente. A editora mais afetada pelas novas determinações lança a revista MAD, reconhecida como a primeira do gênero, por abordar temáticas adultas se utilizando principalmente da sátira e com frequência apelando ao grotesco.

etapa. Análises diversas poder ser executadas a partir de autores diferentes em um mesmo quadrinho. Será realizada nos próximos parágrafos uma breve descrição destas etapas e possíveis abordagens de pesquisa.

A primeira etapa na elaboração de uma HQ é a elaboração do roteiro. O roteiro pode ser feito tanto de maneira formal, como os roteiros de cinema, quanto de maneira esquemática¹². O roteirista, por iniciar o processo criativo, pode controlar ou não as outras etapas de desenvolvimento¹³. Pesquisas que busquem uma análise do discurso e conteúdo dos quadrinhos salientarão o olhar daquele que desenvolveu o roteiro.

Depois de desenvolvido o roteiro vem a elaboração artística. O desenhista inicialmente estabelece o conceito artístico a ser empregado e cria os esboços, estes podem passar ainda pelo processo de arte finalização ou não, como no caso da revista chiclete com banana. Assim, através das imagens também é possível realizar análises sobre o discurso e o conteúdo, o importante é ressaltar que nesta etapa, o enfoque do artista também deve ser levado em consideração¹⁴.

Nos casos de quadrinhos com arte finalização, esta pode ser realizada pelo ilustrador ou não. É na arte finalização que se aplica as cores se aplica possíveis correções aos esboços. Quem busca uma interpretação a partir das cores¹⁵, pode levar em conta muitas vezes o olhar de um artista normalmente creditado nas entrelinhas.

Por fim, a última etapa é de responsabilidade do letrista. Sua função é inserir os textos e balões nos quadrinhos de maneira que oculte partes de menos importância dentro do quadro e causar o menor “dano” à ilustração. É de

¹² Harvey Pekar, quadrinista americano, desenvolvia seus roteiros a partir de *Storyboards* com desenhos de “palitinho”.

¹³ Alan Moore em seus roteiros buscava ter controle total de todo processo, indicando ao ilustrador os ângulos da cena, as cores que deveriam ser utilizadas e o texto dos diálogos, é comum um único quadro possuir um roteiro de mais de uma página.

¹⁴ Mas como salientamos anteriormente, é importante lembrar que o roteirista pode ter passado suas concepções discursivas para o desenhista.

¹⁵ Quem se interessar por uma análise a partir das cores, ler: FARINA, Modesto. *Psicodinâmica das cores em comunicação*. São Paulo: Edgard Blücher, 2003.

responsabilidade do letrista escolher o formato de letra que melhor expresse os textos e diálogos descritos no roteiro.

Portanto, é possível afirmar que o roteirista é aquele que pode estabelecer o maior controle do processo de criação. Mas cabe lembrar que muitas editoras possuem restrições editoriais e, apesar de controlar o processo de criação, muitas vezes o roteirista não possui liberdade de conteúdo total, isso ocorre principalmente em grandes editoras, quando se cria histórias para personagens cujos direitos são propriedade das editoras. No caso específico de *Chiclete com Banana*, os autores passam por todo o processo de criação, desde o roteiro, desenho e letramento¹⁶.

Após estabelecer estes preceitos teóricos buscaremos aplicá-los para a resolução da questão proposta inicialmente. Inicialmente será realizada uma relação entre o contexto sócio/político da época com o conteúdo da revista; e por fim, as conclusões.

Segundo Penna¹⁷ a redemocratização é o processo de reabertura política brasileira que se inicia no fim do governo Geisel e termina com a assembléia constituinte de 1988. Neste ocorre o fim da censura e o desmantelamento do aparato de controle do Estado. Durante este processo também se dá a pulverização do partido de oposição, então MDB, em diversos partidos terminando com a coesão entre eles. Em 1983 ocorre a campanha pelas Diretas, que, apesar da grande mobilização popular, não é aprovada pelo congresso.

A morte de Tancredo Neves, presidente eleito pelo colégio eleitoral, e conseqüentemente a posse do seu vice, José Sarney faz com que a Nova República perca “muito de sua credibilidade duramente alcançada junto à opinião pública brasileira”¹⁸. Esta situação de apatia da sociedade gerada por um processo desacreditado se reflete em *Chiclete com Banana*, que têm como objetivo contestar os costumes e

¹⁶ No caso de *Chiclete com Banana*, apenas as capas passavam pela arte finalização.

¹⁷ PENNA, Lincoln de Abreu. *República Brasileira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

¹⁸ Ibid. P. 307.

também a política da época através do humor, como ilustra muito bem o editorial da primeira edição:

“O ser humano é meio panaca mesmo. Alguns engolem fogo, outros escalam o monte Everest, outros ainda deitam em cama de prego; e nós resolvemos fazer um gibi – ou seria revista? – de galhofa para galhofeiros. Dois pontos, entre outros, são difíceis nesta façanha editorial: primeiro, concorrer com o pato idiota aí de cima [acima do editorial há uma ilustração fazendo referência ao *Pato Donald*]; e segundo, fazer galhofa num país onde ultimamente todo mundo se leva muito a sério. Não! Não vamos encher seu saco narrando as desventuras do desenhista nacional contra um bando de patos afeminados e não assumidos, pois você não comprou essa revista – ou seria gibi? – para ouvir lamúrias, e nem vamos derrubar o governo da Cisjordânia, se é que lá tem governo. Queremos com esse gibi – ou seria revista? – apenas beliscar a bunda do ser humano pra ver se a besta acorda.”¹⁹

O editorial deixa claro a linha de humor que a revista irá estabelecer. Com uma linguagem absolutamente informal e muitas vezes apelativa, a revista se vale do fim da censura para tocar os mais diversos temas sem nenhum tipo de pudor, chegando mesmo a se aproximar da pornografia, mas com o objetivo claro de chamar a atenção do leitor para problemas sócio-políticos da época.

Este ambiente de descontentamento também é percebido por Mello e Novais²⁰, aonde “a idéia de um futuro de progresso individual vai se esfumando. A sociedade patina, não encontra saídas coletivas que restaurem o crescimento econômico

¹⁹ *Chiclete com Banana 1*. São Paulo: Circo Editorial LTDA, outubro de 1985. P. 3.

²⁰ MELLO, João Manuel Cardoso de; NOVAIS, Fernando A. *Capitalismo tardio e sociabilidade moderna*. IN NOVAIS, Fernando A. *História da vida privada no Brasil V. 4*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

acelerado e a mobilidade social ascendente”²¹, situação que segundo os autores, perdura ao menos até a segunda metade da década de 1990.

A revista *Chiclete com Banana* tem seu primeiro número publicado em 1985 pela Circo Editorial LTDA, uma empresa que iniciava no ramo, e publicou trabalhos de diversos cartunistas. O principal autor nos primeiros números e criador das principais personagens é Arnaldo Angeli Filho, o Angeli. Atingiu intenso alcance impressionante para este tipo de publicação vendendo em torno de 90 mil exemplares nos números 13 e 14²².

Analisaremos a seguir o enfoque da crítica política da revista em uma história intitulada *Brazilian Beach*²³. Angeli inicia a história com o seguinte texto:

“Lembram-se do Brasil, aquela potência emergente dos anos 70? Pois é, coitado, adentrou a década de 90 completamente falido e totalmente entregue às mãos de seus credores internacionais que, rapidinho, colocaram o país à venda num concorrido leilão realizado na sede do FMI (...). Foi só bater o martelo para altas cifras começarem a rolar. Vários lances foram feitos, mas no final o Brasil fora arrebatado por um pool internacional, formado por ex-ditadores que, depostos do comando de seus países, acabam de lá pra cá pelo mundo (...). A idéia dos rapazes era simples: transformar a antiga terra brasílis numa colônia de férias permanente, onde ex-carrascos pudessem desfrutar de tudo aquilo que ganharam com o suor do rosto alheio. Um projeto de fácil execução pois contava com uma infra estrutura já montada e um excelente quadro de serviços, composto por antigas autoridades locais.”²⁴

²¹ Ibid. P. 654.

²² Segundo SILVA, Nadilson Manoel da. *Fantasia e cotidiano nas histórias em quadrinhos*. São Paulo: Annablume, 2002.

²³ Publicado originalmente em: *Chiclete com Banana* 18. São Paulo: Circo Editorial LTDA, abril de 1988.

²⁴ Ibid.

O enredo segue com uma imagem de, o que se descobre adiante, um militar em um hotel sendo atendido por um mordomo com a fisionomia do presidente José Sarney:

Imagem I



A seguir, os ex-ditadores se reúnem e iniciam um debate sobre os rumos do país que pretendem formar, em meio ao impasse que se forma, uma personagem busca uma solução democrática e é duramente repreendida:

Imagem II



Logo em seguida outra proposta é feita e acatada:

²⁵ Imagem digitalizada de: *Antologia Chiclete com Banana 5*. São Paulo: Devir Livraria, abril de 2008. P. 20.

²⁶ *Ibid.* P. 22.

Imagem III



Por fim, a história finaliza com o acordo entre todos e a exaltação da democracia:

Imagem IV



A partir desta HQ é possível estabelecer vínculos com a conjuntura política de sua época para o melhor entendimento da crítica desenvolvida por Angeli. A publicação se deu poucos meses antes da aprovação final da nova carta constitucional brasileira. A constituinte deveria alimentar esperanças de uma década vindoura de liberdade e prosperidade, mas, o autor nos mostra outra faceta para o futuro do país onde os ditadores poderão se utilizar da democracia para se perpetuar no poder.

As imagens II e III utilizam termos recorrentes na época como “democratizar” e “rodízio de poder”- no quadro adjacente se fala em “alternância de

²⁷ Ibid. P. 24.

²⁸ Ibid. P. 24.

poder -, louváveis para o Estado democrático que se pretendia, mas Angeli percebe que o futuro pode não se afirmar rumo à uma democracia de fato.

Traçando um perfil da constituinte podemos entender um pouco o descontentamento do Autor. Penna traça o perfil ideológico dos constituintes divididos deste forma: “181 de centro (32,3%), 131 de centro-direita (23,4%), 126 de centro-esquerda (22,5%), 69 de direita (12,3%) e 52 de esquerda (9,3%)”²⁹. Este levantamento transmite uma impressão de distribuição justa e representativa da sociedade, mas, observando mais atentamente, somando a bancada de direita com a de centro-direita comparada com a soma da bancada de esquerda com a de centro-esquerda, chega-se ao resultado de 200 (ou 35,7%) constituintes de direita e centro-direita, herdeiros políticos da ARENA, contra 178 (ou 31,8 %), ainda uma distribuição justa, mas, o empate técnico entre as bancadas antagônicas faz com que os 181 (32,3%) deputados do centro sejam decisivos nas votações. Pena mostra que o fisiologismo foi uma característica marcante da constituinte, e os deputados após a aprovação da constituição, passaram a atuar como deputados federais. Assim, podemos supor que a balança pesava a favor do lado governista, de direita, pois existia uma grande pressão para que os deputados ideologicamente de centro, quase neutros ou mesmo fisiológicos, integrassem a base governista.

Concluindo, é possível observar que Angeli, na imagem IV, desafia o leitor de maneira provocativa ao fazer uma chacota exclamando “VIVA A DEMOCRACIA” para um país que se formava via sua constituinte. A revista *Chiclete com Banana* não se contradiz ao deduzir um futuro que hoje é sabido que não se confirmou – ao menos totalmente – pois, como observamos no editorial de estréia da revista, o objetivo é justamente que o leitor tome consciência que o país que estava se formando não coincidia com o país que se esperava que formassem.

²⁹ PENNA, Lincoln de Abreu. *República Brasileira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. P. 311.

Referências Bibliográficas

BOTTOMORE, Tom. **Dicionário do pensamento marxista**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

ECO, Umberto. **Apocalípticos e integrados**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

EISNER, Will. *Quadrinhos e arte seqüencial*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FARINA, Modesto. *Psicodinâmica das cores em comunicação*. São Paulo: Edgard Blücher, 2003.

MELLO, João Manuel Cardoso de; NOVAIS, Fernando A. *Capitalismo tardio e sociabilidade moderna*. IN NOVAIS, Fernando A. *História da vida privada no Brasil V. 4*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

McCLOUD, Scott. *Desvendando os quadrinhos*. São Paulo: M. Books do Brasil Editora LTDA., 2005.

PENNA, Lincoln de Abreu. *República Brasileira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

SILVA, Nadilson Manoel da. *Fantasia e cotidiano nas histórias em quadrinhos*. São Paulo: Annablume, 2002.

SRBEK, Wellington. **Quadrinhos & outros bichos**. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2006.

Revistas:

Antologia Chiclete com Banana 5. São Paulo: Devir Livraria, abril de 2008.

Chiclete com Banana 1. São Paulo: Circo Editorial LTDA, outubro de 1985.

Chiclete com Banana 18. São Paulo: Circo Editorial LTDA, abril de 1988.

URLs:

Nostalgia do Terror (acessado em 01/06/2008) - <http://www.nostalgiaodoterror.com>